

MODUAN MATUS E CHACAL EM DIÁLOGO: POÉTICAS MARGINAIS

Eduardo Maciel de Salles (UNIGRANRIO)
Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)
idfrazao@uol.com.br

RESUMO

Intenta-se no presente artigo refletir sobre aspectos intrínsecos e extrínsecos da poesia do baixadense Moduan Matus, assim como pôr em diálogo sua poética com a de Ricardo de Carvalho, o Chacal. Como questão central, temos a problemática da marginalidade, que está presente nas obras poéticas de ambos e a subsequente questão das identidades. Destacam-se também questões sobre o lugar de fala e sobre “lugar”, no sentido dado pelo geógrafo sino-americano Yi Fu Tuan, o lugar de fala de fala e o território discursivo marcante do período da Ditadura civil-militar da década de 1970.

Palavras-chave:

Moduan Matus, Chacal, Poesia marginal, lugar, identidades

1. Introdução

Nascida nos idos anos 70, a poesia marginal se caracterizou como uma manifestação poética e um novo movimento cultural coletivo. Ela não seguia os padrões editoriais e invadia as ruas com textos impressos em mimeógrafos. Irreverente e sem compromisso estético, a também chamada geração mimeógrafo provinha do confronto entre o regime ditatorial vivido na época e da mudança comportamental que começava a surgir no ambiente mundial, também conhecida como contracultura, ou como a denominou um dos principais autores do tropicalismo, Torquato Neto: Geleia Geral. É o período do movimento hippie, da cultura alternativa. Além destas afirmações é necessário saber da importância que tem elevar a poesia marginal ao nível acadêmico, onde provaria a sua relevância como um foco de estudo e pesquisa, não só estudando os grandes clássicos da literatura brasileira mas dando a devida importância e enfoque a literatura mais “obscura” mas não menos relevante que seria a marginal. Levando os fatos ditos acima o presente artigo tem o propósito comparar dois poetas marginais da década de 1970, Edgard Vieira Matos que utiliza o pseudônimo de Moduan Matus e Ricardo de Carvalho Duarte que se denomina Chacal. Também será analisado o contexto onde ambos estão

inseridos, assim as razões e o que os transforma em autores marginais trazendo um olhar sensível para a questão do lugar de fala dos autores, observando o contexto social de cada um deles.

Ambos provém de um período histórico muito truculento no Brasil, a ditadura de 1964, de maneira que grande parte da arte, muitas vezes, não era só desencorajada mas reprimida e perseguida de forma que alguns autores da época, principalmente os envolvidos com os movimentos de contracultura, estavam sem uma plataforma para publicar seus escritos obrigando-os a inovar, reproduzir seus textos fora dos padrões editoriais tradicionais, afim de que alcançassem de alguma maneira o público interessado, seja na impressão em mimeógrafo, como Chacal ou escrevendo poesias nas fachadas de lojas, como Moduan. Ao tratar destes autores é preciso primeiro se ter uma noção do que seria a marginalidade, seria ela apenas uma falta de editoras para que se publicassem seus escritos? Um dia pode já ter sido um pouco disso, mas há, no movimento, um tom resistência e denúncia. Hoje, as questões ultrapassam a necessidade de uma editora e vão até as relações do escritor com seu lugar ou até mesmo quem ele é, como já foi discutido em um outro artigo sobre o ser marginal e como lidar com as marginalidades em estudo: “No rastro da onda de desconstruções que varreram e varrem o mundo ocidental, noções como gênero, raça, etnia, identidade e marginalidades, ampliaram suas dimensões e limites” (FÉLIX, [s.d.], p. 2) e também na fala:

Tratar da problemática da(s) marginalidade(s) exige, além de um cuidado especial com sua conceituação, utilizar o termo marginalidade, no plural. Trata-se, então, não de marginalidade, mas de marginalidades, pois as próprias margens – individuais e/ou coletivas - podem levar a parâmetros diversos, dispersas, inclusive, em campos disciplinares também diferentes. (FÉLIX, [s.d.], p. 2)

Como produziam seu material utilizando principalmente o mimeógrafo, a geração de autores marginais da década de 1970 também ficou conhecida como “geração mimeógrafo”. Esta geração teria sido diferente das outras duas que ocorreram durante a ditadura militar, sendo elas: a concretista e a tropicalista. Sendo que o engajamento social e político em cada geração aumentaria, diminuiria ou mudaria de foco, mas a importância de uma literatura engajada era percebida durante todas as gerações. Isso pode ser confirmado na fala da autora Heloisa Buarque de Hollanda, no que diz respeito à geração concretista:

Sem dúvida, a atuação da vanguarda concretista instalou definitivamente a necessidade de pensar não só a modernidade, mas também as relações do processo cultural brasileiro com a informação cultural estrangeira. (HOLLANDA, 2004, p. 43)

Comparando os escritores (Moduan e Chacal) pela medida de engajamento social de cada um, pode-se ver que ambos são motivados por uma vontade de melhorar seu espaço, que seria a ideia de espaço e lugar de Yi Fu Tuan. Onde o espaço seria o ambiente em que a pessoa se identifica e possui uma relação íntima e o lugar seria o contrário desta noção de relação, sendo apenas uma localidade sem um sentimento específico. Chacal trabalha com esta ideia de maneira mais ampla e abrangente, algo que pode ser visto em seu poema denominado “Reclame”:

Se o mundo não vai bem
a seus olhos, use lentes
... ou transforme o mundo
ótica olho vivo
agradece a preferência. (CHACAL, 1979)

No poema pode ser visto o desejo de mudança e de melhora, mas vindo também com uma crítica a conformidade, algo que é necessário para o avanço e melhoria do espaço que no caso deste poema seria o mundo, este desejo de mudança no caminho do mundo é explicado por Zygmunt Bauman em seu livro “vidas desperdiçadas” principalmente no trecho em que o autor coloca:

A mente moderna nasceu juntamente com a ideia de que o mundo pode ser transformado. A modernidade refere-se à rejeição do mundo tal como ele tem sido até agora e a decisão de transformá-lo. A moderna forma de ser consiste na mudança compulsiva, obsessiva: na refutação do que ‘meramente é’ em nome do que poderia, e no mesmo sentido deveria, ser posto em seu lugar. (BAUMAN, 2005, p. 34)

Esta crítica se encaixa também na categoria de apinhamento, descrita por Tuan que descreve uma série de atritos de realidade podem trazer para a pessoa uma certa epifania ou um sentimento de restrição, levando a pessoa a uma possível nova visão de mundo. Isso pode ser observado em sua fala:

Uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade. À medida que as outras pessoas penetram no espaço a sensação de espacialidade dá lugar a de apinhamento. E são as pessoas mesmo que nos apinham, elas mais que as coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar de espaço. Mas também podem ampliar nosso mundo. (TUAN, 2013, p. 9)

Moduan, por sua vez, possui o mesmo sentimento de melhora, mas não o utiliza de forma expansiva como Chacal. Ao invés de falar sobre o mundo, Moduan foca no seu lugar de fala, o município de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. Oriundo de uma área periférica, Moduan consegue enxergar os problemas que uma visão como a de Chacal não conseguiria com tanta clareza, justamente por estar de fora deste âmbito. Um modo de ver as coisas de uma maneira mais focada em áreas necessitadas e criticá-las enquanto mostra suas qualidades, enquanto de certa forma desmistifica o “ser periférico” juntamente com a área marginalizada pela sociedade opressora, observamos isto no seguinte poema:

Caminhões ainda pingando
Cheios
De areia lavada
Cruzam as cidades
No asfalto da baixada.
Placas de Seropédica
Placas de Itaguaí
Indo para todos os lados:
Guapimirim, Magé e Paracambi.
O rio de quem nada
Vê
No oco dos redemoinhos
E a água que se precisa
Tomando
Outros caminhos. (MATUS, [s.d.])

No poema acima citado, o eu lírico não está se preocupando com problemas do mundo como o de Chacal, mas sim com a falta de água em áreas carentes do seu lugar. Por ser de uma área periférica, Moduan traz à tona conceito de “lugar de fala”. Que seria o conceito de Dar voz para as pessoas que vivem marginalizadas, em um debate, não de forma excludente, mas de uma forma que pessoas fora do âmbito não falem como se possuíssem a vivência necessária para falar do assunto retratado em uma discussão, ou seja, trazendo o discurso para quem possui a vivência daquilo que está sendo falado, ou muitas vezes tem a “sobrevivência” de alguma situação que os marginalizantes.

Moduan então estaria dentro de seu lugar de fala, falando sobre as zonas periféricas da Baixada Fluminense enquanto Chacal não teria a vivência necessária para discursar com uma maior voz nestes meios, ainda sim podendo falar, sua visão da problemática não seria a mesma de Moduan. Seguindo esta linha de raciocínio, Moduan poderia ter sido a ponte, que desde a época do movimento cepesista era desejada que fosse

estabelecida entre os poetas e escritores ativistas com a camada mais marginalizada da sociedade. Mas, infelizmente, o ocorrido foi que na grande tentativa de dar voz às massas marginalizadas, a voz destes grupos foi suprimida pelo mesmo grupo que as queriam enaltecidas, levantando o parecer hipócrita dos ativistas da época, que ao mesmo tempo que clamavam por mais vozes marginalizadas nas discussões da época sufocavam-nas perante seus gritos de igualdade. Desta maneira a poesia marginal de Chacal é grandemente conhecida e reconhecida, algo que na atualidade lhe deixa menos marginal, justamente pelo fato de ele provir de um meio não marginalizado e ser considerado um poeta marginal, pois na época que começou a escrever, e um certo tempo depois, não tinha onde publicar seus escritos, sendo marginalizado na casta social dos escritores e poetas, ao contrário de Moduan, que até hoje vive às margens da sociedade e da literatura.

Portanto, na literatura marginal tanto Chacal quanto Moduan, a questão do lugar de fala está intrinsecamente ligada a forma de como são escritos seus poemas, onde a fala de Moduan está dentro de seu lugar de fala e de Chacal não, embora anos depois Chacal tenha se utilizado de seu reconhecimento para dar voz a quem desejasse se expressar de maneira poética através da criação do centro de experimentação poética.

Mas, ao mesmo tempo que Moduan tenta expor sua arte e fazer sua voz ser ouvida para o externo, trazendo atenção para as áreas marginais, seu espaço, Chacal tenta se introduzir nesta mesma área marginalizada e ser uma voz que embora se importe e queira melhorar a situação, não está inserido em seu lugar de fala, este desejo que pode ser visto no livro de Heloísa Buarque de Hollanda “Impressões de Viagem” quando ela demonstra que o desejo de se introduzir no meio marginalizado era um objetivo de todos os poetas e intelectuais ativistas desde o movimento cepecista, algo pode ser visto na fala: “Os membros do CPC optaram por ser povo, por ser parte integrante do povo, destacamentos de seu exercito no *front* cultural.” (HOLLANDA, 2004, p. 18). Fato que só foi atingido anos depois com a criação do CEP 20.000 por Chacal, levando em conta que o elo que poderia ter sido formado com Moduan não chegou a ocorrer, ou seja, apesar de inicialmente a voz marginal ter sido perdida em meio as outras conseguiu um local que pudesse falar abertamente para quem quisesse a ouvir, em certo aspecto dando a redenção às gerações anteriores de ativistas, artistas e poetas engajados.

Agora analisando suas respectivas marginalidades é necessário enxergar que há uma separação dos dois em termos marginais aqui colocados. Moduan, assim como Chacal não possuía alguém que publicasse seus textos e com um giz escrevia seus poemas nas frentes de lojas, levando-se em conta também que ele provinha de um meio já marginalizado, embora não se possa ligar os problemas socioeconômicos ao termo marginal como forma de literatura, a sua literatura não é intrinsecamente marginal por ele falar dos aspectos ruins e degradados do seu lugar. Mas por ele mesmo de um ambiente assim conseguir sentir-se em casa e falar das qualidades de seu lugar, não é sobre falar da margem, mas sim a ser. Tal pensamento pode ser visto em uma artigo do livro “Às Margens da Literatura”

A poesia de Moduan dialoga, efetivamente, com a problemática da marginalidade, pois não olvida os problemas, ao contrário, envolve-se na exclusão a que está exposta sua região, o seu lugar de fala. (FÉLIX, 2017, p. 17)

Moduan traz à tona a exposição do seu lugar, do ambiente em que vive, colocando tanto o lado bom quanto o ruim de viver na parte periférica da sociedade. Mas ao mesmo tempo desmistificando e entrando em choque com o ponto de vista deturpado das elites da sociedade perante as áreas periféricas. Quando na literatura Moduan mostra o lado ruim de seu lugar expondo-o de maneira crítica, podendo ser visto e entendido que seu lugar é deixado de lado pelo governo e a sociedade como um todo, de forma que essa atitude de preocupação social seletiva acabe. Isto pode ser visto em um segundo poema:

Inúmeros dejetos
Ainda em Gramacho
Cobrem o corpo do desaparecido.
A sua última viagem
Velada pelos urubus
Apeou meio aos escombros
E decepou-se fragmentado
Ente o que a terra
Jamais comerá totalmente:
O mal que faz o homem
A natureza
E os bichos não comem (MATUS, 1981)

Neste poema pode ser visto a crítica que é feita ao descaso com o bairro de Gramacho, que faz parte do município de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro. A violência desenfreada que ocorre nestes bairros periféricos, onde o pouco policiamento, alimenta o aumento da violência nestas áreas, onde entraria o pensamento do sociólogo

Zygmunt Bauman que retrata o policiamento e o que ele chama de “indústria de remoção do lixo” sendo uma estatização da brutalidade da polícia perante as camadas marginalizadas da sociedade, que estão lá para proteger as camadas mais altas da sociedade e remover o “lixo”, que seriam as camadas mais baixas da sociedade, do caminho da sociedade mais evoluída e isso pode ser visto na fala de Bauman:

construir novas prisões, aumentar o número de delitos puníveis com a perda de liberdade, a política de ‘tolerância zero’ e o estabelecimento de sentenças mais duras e mais longas podem ser medidas mais bem compreendidas como esforços para reconstruir a deficiente e vacilante indústria de remoção do lixo.” (BAUMAN, 2005, p. 108)

E também nesta outra fala que demonstra a segregação da pessoa marginalizada juntamente com a separação de seres humanos em castas, denominando as pessoas marginalizadas como quase que um humano não comum:

Se reciclar não é mais lucrativo, e suas chances (ao menos no ambiente atual) não são mais realistas, a maneira certa de lidar com o lixo é acelerar a “biodegradação” e decomposição, ao mesmo tempo isolando-o, do modo mais seguro possível, do habitat humano comum. (BAUMAN, 2005, p. 108)

Agora já abrangendo também o descaso com a natureza que pode ser visto em inúmeros lixões que existem no Rio de Janeiro, sendo utilizados tanto para o descarte de lixo comum, quanto para o de lixo humano, muitas das vezes por próprios agentes do estado que são treinados para a exterminação das pessoas a margem da sociedade. O fato é que estes lixões contaminam a água, contaminam o solo, poluem o ar, afetam diretamente a saúde de pessoas, sejam as que vivem no entorno desses lixões, muito próximos, ou aquelas que sobrevivem dos rejeitos produzidos nessas áreas que estão contaminadas, trazendo uma série de problemas de saúde de ordem social, de saúde pública e de ordem urbana, com impactos negativos para o meio ambiente e para aqueles que de certa maneira sobrevivem deles. Demonstrando assim o descaso do poder público. Bauman explica ao falar sobre tal descaso dos atuais governos na seguinte fala:

O crescimento observado da apatia política, da perda do interesse e do compromisso políticos (‘não há mais salvação pela sociedade’, na famosa frase de Peter Drucker), o aumento do descaso em relação a lei, a multiplicação de sinais de desobediência cívica (...) e, por último, mas não menos importante, a redução maciça da participação do povo na política institucional – todos esses são testemunhos da destruição dos alicerces do poder do estado. (BAUMAN, 2005, p. 67)

Esta fala de Bauman permite também que se fale da criação dos hiperguetos que estaria ligado à situação no poema de Moduan, onde que no local descrito pelo eu lírico do poema não há uma esperança ou bom sentimento, somente a esmagadora exclusão do “mundo de fora da margem”, isso pode ser visto na fala:

Enquanto o gueto, em sua forma clássica, funcionava em parte como um escudo protetor contra a brutal exclusão racial, o hipergueto perdeu seu papel positivo de amortecedor coletivo, tornando-se um mecanismo mortal da pura e simples exclusão social. (BAUMAN, 2005, p. 103)

Ambos trechos acima dialogam também com uma afirmativa, já realizada, que explicita a maneira que a simbologia do poema é traduzida para o total esquecimento e descaso governamental com as áreas marginalizadas da sociedade, o trecho diz que:

O lixo é o destaque, o corpo devorado pelo descaso, nem tanto. O corpo humano dilacerado pelos urubus e os dejetos dialogam no silêncio da ausência do poder público na sujeira do desleixo, tipo de dejetos os quais a população acostumou-se a aceitar. (FÉLIX, 2017, p. 20)

A poesia de Chacal, embora provenha de um meio social menos marginalizado, também é considerado um autor marginal mas por motivos distintos aos de Moduan, reflete, de certa forma, esta inerente diferença entre os dois, onde Chacal possui uma visão de mudança mais abrangente, se preocupando com o estado do país ou do mundo e não dando o devido enfoque às áreas em situação crítica como Moduan. Este diferente modo de pensamento pode ser visto no seu poema intitulado “Bermuda Larga”:

Muitos lutam por uma causa justa
Eu prefiro uma bermuda larga
Só quero que não me encha o saco
Luto pelas pedras fora do sapato. (CHACAL, 1986)

No poema acima pode ser visto o eu lírico se posicionando quanto às lutas e causas sociais de maneira que se faz claro que as causas a quem ele luta por, são outras. Pode se entender também, que quando ele diz “Luto pelas pedras fora do sapato” que as lutas são para coisas fora de seu âmbito imediato, algo muito maior que ele próprio e que também não quer perder tempo com outras causas que ele acredita serem “menores”, que não teriam um grande impacto na vigência do país ou mundo. Embora seja visível que estas mudanças pequenas em grande número fariam o seu objetivo final, lhe escapa esta visão e Chacal acaba demonstrando um sentimento de que apenas as grandes causas importam. Este engajamento em causas maiores pode ser visto na vida de Chacal

com a criação do “Centro de Experimentação Poética” ou CEP 20.000 que seria um local onde qualquer um pudesse expressar seu viés artístico e principalmente seu lado poético, dando voz e vez para todos a quem quisessem falar e serem ouvidos. Sendo, também, uma ponte entre o intelectual/poeta de classe alta militante com o povo marginalizado e oprimido, de uma forma que poderia haver novamente uma chance de unir os dois poetas aqui estudados, num ambiente que finalmente autores marginais como Moduan pudessem expressar sua poética e arte em geral dentro de seu lugar de fala enquanto Chacal traria a visibilidade necessária, e merecida, para a poética marginal inserida no lugar de fala.

2. Conclusão

Observamos, então, que muito embora a poesia marginal pareça ligada a uma certa clandestinidade, algo “ilegal”, ela na realidade se caracteriza pelo estilo de divulgação e publicação adotados pelos autores e pelo que era e é trabalhado na sua escrita. Na poética e na vida, tanto Moduan e quanto Chacal, de maneiras distintas, e que de certa maneira dialogam, trazem à tona suas marginalidades. Embora diferentes, ambas, em seu modo, trouxeram algo de único e novo para a literatura brasileira, a luz para a questão do lugar de fala e a necessidade de cuidar das partes periféricas da cidade, com Moduan dando uma voz para o povo e também para as áreas ditas “marginais” possuem seu lado positivo e de belo que muitas vezes somente estando lá e “abrindo os olhos” se é capaz de ver, além disso, mostrando as relações dos grupos marginalizados da sociedade com seus lugares e com o resto da sociedade que Bauman explica.

Chacal trazendo suas preocupações com o estado do mundo, explicitando as relações de apinhamento trazidas no texto e abrindo um caminho para a visibilidade do lugar de fala das pessoas marginalizadas com o CEP 20.000. Ambos possuindo uma obra poética com visões distintas se complementam na maneira que é vista a necessidade de mudar o estado do mundo atual, o qual a cada dia parece estar em um maior declínio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Identities*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CHACAL. *Comício de tudo*: poesia e prosa. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Drops de abril*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de Viagem*. CPC, Vanguarda e desbunde, 1960/1970. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

MATUS, Moduan. Blog do autor. <http://moduanmatus.blogspot.com.br/p/p.html>, Visualizado em: 07/01/2019.

FÉLIX, Idemburgo Pereira Frazão *et al.* *Às margens: Literatura, Identidade e marginalidades em questão*. Rio de Janeiro: autografia, 2017.

FÉLIX, Idemburgo Pereira Frazão. *Nas margens da memória: reflexões sobre marginalidades nas narrativas de Conceição Evaristo*. Link do artigo. http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456014510.pdf, visualizado em: 17/06/2019.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina, Eduel, 2013.